

## CHÁ COM BOLINHOS

Pensava nela quando, de regresso ao Andalucía Palace, passou junto de um grupo de oficiais alemães que conversavam no vestíbulo; e também quando subiu pelas escadas até ao primeiro andar e, depois de olhar instintivamente para um e outro lado, andou sem ruído sobre a alcatifa do grande corredor, a caminho do seu quarto.

«Estamos em paz.»

Foi o que Eva disse da última vez.

Nunca anteriormente o tinham enganado, recordou, absorto. Nunca uma mulher, e nunca daquela maneira. Eva Neretva, ou Eva Rengel, ou sabe-se lá o quê. Tinha-se revelado uma mestra indiscutível no jogo sujo, arriscado, que ambos jogavam. Com a sua frieza tão soviética. Quase desumana.

Por instantes, sem esforço porque aquelas imagens surgiam com frequência na sua memória, viu-a iluminada pelo clarão ao disparar na nuca do falangista Juan Portela. Também na janela da casa de Cartagena enquanto se abraçavam seminus, as bombas iluminavam a praça e a artilharia antiaérea esburacava a escuridão sobre o Arsenal. Ou a noite em que tudo foi parar ao inferno, recortada na contraluz noturna da última duna junto ao mar,

ajoelhada para disparar com a *Luger*, impassível e serena, enquanto lhe cobria a fuga.

Continuou a pensar nela enquanto preparava as malas: artigos de higiene, gabardina *Burberry*, panamá, dois fatos, seis camisas engomadas e mudas interiores, pijama, três gravatas, uns botões de punho de prata, uns sapatos de passeio e outros desportivos com sola de borracha. Uma vez tudo colocado na veterana mala *Vuitton*, acendeu um cigarro e ficou imóvel perante a luz que entrava em cheio pela janela, ainda a recordar. Ao fim de um instante reparou que os dedos que seguravam o cigarro tremiam ligeiramente. Isto suscitou-lhe um seco mal-estar. Uma cólera suave, tranquila e obscura.

Abanou a cabeça, esmagou o cigarro num cinzeiro e tirou das gavetas e de cima do armário os objetos que completavam a bagagem, entre eles dois tubos de cafiaspirinas – num deles ocultava uma cápsula de cianeto –, uma lata de *Players*, a *Browning FN* modelo 1910 de 9 mm, o silenciador *Heissefeldt* trocado por cocaína à Gestapo, dois carregadores e uma caixa com trinta cartuchos. Material adequado para dar baixa com plena eficácia, diria o Almirante. Ferramentas próprias do ofício. Embrulhada num pano, limpa e oleada, a pistola tinha um peso quase agradável quando a susteve na mão por uns momentos. Ao fazê-lo, o seu olhar endureceu, e uma dobra sarcástica e cruel pareceu fender-lhe de repente, como uma facada seca, um canto da boca. Quatro meses antes, com aquela pistola tinha matado três homens em Salamanca para salvar a vida de Eva Neretva.

Estamos em paz, repetiu para si.

Então, bateram à porta, e o mundo exterior seguiu o seu curso. Um bagageiro do hotel trazia um sobrescrito fechado com o seu nome escrito, sem remetente. Falcó deu-lhe uma gorjeta, fechou a porta, rasgou o sobrescrito e um golpe de calor suavizou o cinzento-chumbo dos seus olhos.

*Passarei esta tarde em casa da minha amiga Luisa Sangrán, calle Rafael de Cózar, número 8. Talvez lhe apeteça tomar um chá ou um café por volta das seis.*

A nota estava por assinar, mas Falcó não teve qualquer dúvida: tinta azul, letra de mulher, inglesa, com caneta de aparo, traço fino e caligrafia cuidada. Adivinhava-se ali um colégio de freiras muito caro e outros pormenores do estilo. E assim, Eva Neretva, o passado e o mais que provável futuro localizado em Tânger ficaram naquele momento para trás, ou de lado, ou fora de cena, afastando-se devagar como um barco que se abandonasse à deriva. Além disso, verificou Falcó, Chesca Prieto não tinha conseguido resistir ao cliché – os romances e o cinema faziam estragos, até entre as mulheres inteligentes – de verter uma gota de perfume no papel antes de o dobrar e meter no sobrescrito. Era *Amok*, claro. Uma loucura do Oriente.

Isso fê-lo sorrir. Esse sorriso era acentuado pela recordação dela e do marido, de manhã, à porta do hotel. Pepín Gorguel com as suas botas reluzentes de herói de guerra, a franja vermelha na boina e as estrelas de capitão. O cabrão empertigado. Todo frio, altivo, desconfiado e atravessado, a olhar para ele como se farejasse ameaça. E com razão. Não era nada de censurar, com uma mulher tão bonita como ela – o Almirante atribuía-lhe duas aventuras, embora Falcó não tivesse a certeza disso –, que Gorguel andasse com a pulga atrás da orelha. Mais ainda, passando como passava a maior parte do tempo na frente, salvando a pátria das hordas sem Deus enquanto em Espanha começava a amanhecer e restante poesia.

A ideia arrancou a Falcó um suspiro ao mesmo tempo risonho e melancólico. Agora, com o marido pelo meio, o convite ainda lhe apetecia mais que antes. E aquela Sevilha luminosa, com casas de amigas e outros elementos úteis, era mais adequada que a casta, cinzenta, estreita e beata Salamanca onde até o Caudilho tinha o seu quartel-general no palácio episcopal. No entanto, e infelizmente, não havia tempo para brincadeiras nem folias. Faltavam

três horas para as seis da tarde, e nessa altura ele estaria a bordo de um avião, voando para o Norte de África. *Adiós, muchachos*, como o tango. Pela segunda vez, aquela mulher escapava-se-lhe por entre os dedos. Viva e fresca. Sorte de cão a dele.

Por ato reflexo, simples hábito profissional, foi até à casa de banho, tirou o isqueiro do bolso e queimou ali a mensagem. Chesca Prieto e ele, pensou enquanto deixava ir as cinzas pelo cano abaixo, tinham ficado atravessados pelo olhar de um vesgo. Então lembrou-se do olho de vidro do Almirante e desatou a rir-se da sua própria piada de mau gosto. Depois viu-se ao espelho, tirando a língua de fora, brincalhão. Resignado com o que havia e também com o que não havia. Divertido, até. Como alguém tinha dito ou escrito – nem se lembrava quem, nem se importava –, o que não podia ser não podia ser, e além disso era impossível.

Quando acabou de preparar as malas, desceu para comer qualquer coisa. O avião abanaria ao sobrevoar o estreito e era melhor não viajar com o estômago vazio. Ainda havia tempo e o dia continuava a ser agradável, por isso deu um passeio até à Casa de la Viuda, na calle Albareda. Sob um cartaz de *Peça sempre Domecq* – sorriu; os Domecq eram seus primos – e um aviso que decretava multas a quem não cumprisse as novas normas patrióticas – *Não saudar a bandeira com o braço erguido, 30 pesetas* –, mandou engraxar os sapatos e comeu um pouco de presunto e queijo, perdiz estufada e dois copos de vinho tinto, e regressou devagar pelo rio, depois de parar a mostrar a documentação a um piquete junto à ponte.

Os soldados, recrutas jovens de bivaque e *requetés* barbudos com boina vermelha e crucifixo ao peito, todos com *Mauser* e baionetas colocadas, foram amáveis. Só era proibido, disseram, entrar e sair do bairro de Triana, a ex-Sevilha vermelha, sem uma autorização selada pela autoridade militar. Falcó seguiu em frente, a apreciar a boa temperatura e a vista esplêndida da outra margem do rio. Assobiava *La Cumparsita* e estava de bom humor. Naquela noite ia dormir em Tetuão, e na manhã seguinte estaria em Tãnger, ocupado com o *Mount Castle* e o ouro da República.

Voltou a pensar em Eva Neretva e sentiu que o pulso lhe batia descompassado, um pouco mais rápido que as sessenta batidas por minuto que era habitual ter. Como de costume, a proximidade da ação injetava nas suas veias uma intensa e satisfeita lucidez. Uma expectativa quase feroz. O mundo era um lugar apaixonante onde aconteciam coisas e ele ajudava a que acontecessem. Com efeito, ele mesmo fazia parte das coisas. E enquanto caminhava com as mãos nos bolsos, com o chapéu inclinado para trás e um sorriso distraído na boca, a sombra que se movia a partir dos seus sapatos assemelhava-se à de um lobo tranquilo. Um lobo perigoso e feliz.

– Estão à sua espera no bar, senhor Falcó.

Agradeceu ao rececionista e encaminhou-se para lá. Eram quatro e meia da tarde. Junto à grande vidraça que rodeava o pátio central, vários correspondentes estrangeiros bebiam e conversavam em voz muito alta, queixando-se da censura e das dificuldades para visitar a frente. Reconheceu de soslaio dois deles: um tal Cardozo, do *Daily Mail*, e um inglês chamado Philby. Este último mostrou intenção de o cumprimentar – tinham-se conhecido meses antes no Bar Basque de Saint-Jean-de-Luz –, mas Falcó seguiu em frente sem parar. Ao fundo, a conversar com três homens vestidos à civil, estava sentado o Almirante. Ao ver Falcó aproximar-se, pôs-se de pé e foi ao seu encontro.

– Há problemas com a tua avioneta – disse ele. – Uma avaria.

– Séria?

– Têm de trocar uma peça e não estará pronta senão amanhã.

– Isso afeta a missão?

– Espero que não. Duvido que umas horas a mais ou a menos tenham muita importância.

– E o que é que eu faço entretanto?

– Esperar. Ficas no teu quarto e aguardas que venham buscar-te.

Falcó fez cálculos rápidos, prós e contras, horas pela frente, ao mesmo tempo que Chesca Prieto lhe regressava à cabeça. Aquele adiamento inesperado oferecia possibilidades interessantes.

– Posso sair para dar uma volta?

O Almirante olhou para ele uns segundos com receio. Por fim, relaxou a expressão.

– Podes. Mas evita lugares demasiado públicos e mantém-te localizável. Nada de te deixares tentar pela Alameda.

Falcó sorriu. Iluminada com néon apesar da guerra, com nove *dancings* e cabarés em menos de cem metros, a Alameda era o lugar de diversão noturna de Sevilha, ali onde a Espanha nova e católica ainda deixava uma certa margem à velha. Tudo devidamente regulamentado, claro: ao Florida iam os soldados e ao Maipú os sub-oficiais, enquanto os alemães do Andalucía Palace, os italianos do Cristina, os meninos bem falangistas de camisa azul e pistola à cintura, os oficiais de *requetés*, de Regulares e do Tercio bebiam champanhe e dançavam *pasodobles* e tangos no Excelcior.

– Não se preocupe, senhor Almirante... A Alameda não é o meu lugar de pastagem.

– Fico contente – o outro olhava com curiosidade. – Não te tenta ir a Jerez, ver a família?... Fica só a meia hora de automóvel.

Inexpressivo, Falcó tocou no nó da gravata.

– Não tenho qualquer intenção.

– Já sei que não é um assunto meu... Há quanto tempo é que não vês a tua mãe?

– Com todo o respeito, senhor Almirante, estou de acordo consigo. Não é um assunto seu.

O Almirante ficou a olhar para ele. No fim, fez um gesto de concordância.

– Tens razão – passou-lhe um sobrescrito com documentos. – Aí tens as informações sobre o *Mount Castle* e os salvo-condutos para o aeródromo de Tablada. Há três controlos na estrada... A nova hora prevista para a descolagem é às sete da manhã. Em ponto.

– Lá estarei, senhor Almirante.

– Será melhor para ti.

Falcó guardou os documentos no bolso interior do casaco. Depois de olhar em volta, o Almirante pegou-lhe por um braço, levando-o para um canto deserto do bar.

– Há uma notícia de última hora – baixou a voz. – O governo da República conseguiu mais cinco dias de prazo para o *Mount Castle*. Durante esse tempo poderá permanecer amarrado no porto enquanto se efetuam as diligências diplomáticas.

– Vigiadíssimo, suponho.

– Claro. É a polícia internacional que o guarda. O mais pitoresco é que nós também conseguimos autorização de ancoragem para o *Martín Álvarez*. Por isso ali estão os dois, no mesmo cais e a poucos metros: o nosso contratorpedeiro e o navio mercante vermelho... Com as tripulações a vigiarem-se mutuamente enquanto consignatários, cônsules e agentes decidem a sua sorte.

A ideia dos republicanos, continuou a explicar o Almirante, era conseguir um acordo internacional que permitisse ao *Mount Castle* seguir viagem sob proteção neutra, com um contratorpedeiro britânico enviado de Gibraltar, ou ganhar tempo a fim de que unidades republicanas chegassem a Tãnger para o escoltar. O problema era que a esquadra vermelha não era partidária de se arriscar fora dos portos. Faltavam oficiais competentes porque a maior parte tinha sido fuzilada – Falcó sabia que o filho do Almirante se contava entre eles –, e a marinhagem não confiava nos que tinha a bordo. Tudo se fazia através de comités, assembleias e votações, e ninguém estava disposto a arriscar por um carregamento de ouro que seria aproveitado pelos russos.

– Além disso – acrescentou –, nesse caso nós mandaríamos o cruzeiro *Baleares*, que está perto, em Ceuta... E aí ficam a perder.

– Acha que vão tentar fazer-se ao mar? – interessou-se Falcó.

– Tudo é possível. Mas a verdade é que não faço a mínima ideia. É para isso que tu vais, entre outras coisas. Para dissipar incógnitas. O nosso cônsul em Tãnger e o comandante do *Martín Álvarez* foram informados da tua chegada.

Falcó franziu o sobrolho, inquieto.

– Em pormenor?

– Não, homem. Não faltava mais nada. O imprescindível para te deixarem trabalhar.

– E quem é que dirige a operação?... O quartel-general da Armada ou nós?

– Nós. Por isso é que atuas com toda a liberdade.

– E o comandante do contratorpedeiro?

– Tem instruções para colaborar contigo, mas não te passes. Cada um tem as suas competências e o seu orgulho. Não penso que ele goste de ver um intruso a aparecer por ali, mas cumprirá as ordens. Por isso, sê bom rapaz e procura tornar as coisas fáceis. Entendido?

– Sim, senhor Almirante.

O Almirante olhou de novo em volta. Parecia duvidar em acrescentar uma coisa ou não.

– Outra coisa – decidiu ele por fim. – Eu disse-te esta manhã que Lisardo Queralt queria ficar com a operação, mas Nicolás Franco deu-a a nós... Lembras-te?

– Perfeitamente.

– Bom, pois há uma mudança. Esse porco de merda conseguiu que lhe permitissem ter um observador em Tânger.

– E o que é que isso significa?

– Que o operador de rádio que te vamos mandar já não será nosso, mas de Queralt... Um agente dele.

– Mas isso significa que ficarão a saber tudo o que eu transmitir...

– Sim, a ideia é essa. – O Almirante fez um gesto de impotência. – Queralt aceita não intervir no assunto, mas exige estar a par da operação. Isto ele garante, e dá uma imagem de toque conjunto... ouve, não olhes assim para mim. Eu também tenho chefes.

– E quem é que me vão mandar?

– Um de lá, do SINA de Tetuão.

Falcó torceu o nariz.

– Um polícia.



– Isso mesmo. Embora me tenham garantido que é o melhor rádio que temos na zona.

Falcó refletiu sobre as implicações daquilo.

– Não me agrada – concluiu ele.

– A mim também não, mas não há outra forma.

– E o que é que Tomás Ferriol acha?

– Ele não se mete nessas coisas. Tanto lhe faz o tango como o bolero.

Falcó pensava a toda a pressa, mal-humorado.

– É verdade que Queralt pode rebentar com tudo?

O Almirante coçou o bigode.

– Não penso que chegue a tanto. O Caudilho quer esse ouro e Queralt não se atreverá a fazer com que o percamos. Diretamente, pelo menos. Do que podes ter a certeza é que fará tudo o que puder para nos deixar mal.

– E quem é o seu pássaro de Tetuão?

– Não faço ideia. Será ele a contactar-te.

Ficaram por momentos a olhar um para o outro como se não tivessem dito tudo. O efeito de luz da vidraça dava um ligeiro estrabismo ao olho de vidro do Almirante.

– Também há mais uma coisa – acrescentou este por fim – sobre essa mulher, Eva Qualquer Coisa...

Parou um instante, espreitando a reação de Falcó. Mas este continuou em silêncio, mantendo o olhar tão impassível como se estivesse a ver girar uma roleta ou lhe tivessem falado de uma desconhecida.

– Agora ela foi a terra e está a participar nas negociações sobre o *Mount Castle*. Está alojada no hotel Majestic... Para qual é que tu vais?

– Para o Continental, como sempre. Em frente ao porto.

O Almirante deu uma olhadela rápida aos homens sentados nos cadeirões do fundo.

– Pelos vistos, ela manda muito em tudo isto. É a pessoa de confiança que Pavel Kovalenko, chefe do NKVD em Espanha, mandava a Odessa para supervisionar a entrega... Pelo que

averiguámos, depois de Portugal voltou à zona republicana, onde ocupa um posto importante na Administração de Tarefas Especiais. Sabemos que interveio ativamente na detenção, interrogatório e execução de elementos trotskistas... Ou seja, continua a ser uma fulana para ter cuidado.

Parou outra vez, atento a Falcó.

– Não tens nada a dizer?

– Nada.

– Pois devias, caralho.

– Não vejo porquê.

– Puseste uma grande filha da puta em liberdade.

– Eu não pus ninguém em liberdade.

O olho direito olhou para Falcó com evidente irritação.

– Esta tarde já não estou para brincadeiras nem jogos...

Estás-me a ouvir?

– Ouço. Mas não é a minha intenção.

– Senhor Almirante.

– Senhor Almirante.

O outro emitiu um suspiro melancólico ao mesmo tempo que tornava a olhar em volta.

– Mentiria se te dissesse que não tenho curiosidade – disse ele ao fim de uns momentos. – Daria qualquer coisa para estar presente se vocês se encontrassem outra vez cara a cara.

Quando pousou novamente o olhar em Falcó, este continuava imperturbável. Inexpressivo. Ouvia, direito e tranquilo, atento como um soldado. Isso fez arrancar ao Almirante um riso áspero.

– Tem muito cuidado com isso, ou com tudo. – Tirou o relógio e consultou as horas. – E lembra-te: depois daquilo de Salamanca, Queralt e a sua gente têm-te debaixo de olho, como eu disse. Não se esquecem dos teus três cadáveres... Uma escorregadela e serás deles.

– E o senhor, Almirante?

O outro já mostrava intenções de regressar para junto dos que aguardavam nos cadeirões. Parou e olhou para Falcó quase por cima do ombro.

– Eu sacrificar-te-ei, claro. Já te disse isso outras vezes. Mesmo com muita pena, atirar-te-ei aos leões sem hesitar... Neste jogo sou um bispo, e o meu trabalho custou-me muito. Tu és um simples peão. As regras são assim, e tu sabes isso.

Tudo tinha decorrido segundo as normas rigorosas da decência. Falcó remexeu a colher na chávena de chá inglês, provou com um sorvo, acendeu um cigarro e dirigiu um olhar tranquilo às duas mulheres. Estava sentado, como elas, numa cadeira de vime sob a cobertura envidraçada de um pátio sevilhano com azulejos nas paredes e vasos com fetos e gerânios. Na Andaluzia, era a hora das visitas. Aparecera na cancela às seis e três minutos, tocando à campainha depois de ajustar o nó da gravata e alisar o cabelo penteado com fixador, depois de tirar o chapéu. Acabado de barbear e impecável.

– E diz o senhor que viaja amanhã? – perguntou Luisa Sangrán.

– Sim. Negócios.

– Relacionados com esta guerra espantosa, suponho.

– Claro.

A dona da casa rondava os quarenta anos. Nem bonita nem feia, apreciou Falcó, mas distinta. A casa era boa, com quadros valiosos nas paredes e objetos antigos no *hall* de entrada. O marido era um advogado de prestígio, muito relacionado com o lado nacionalista. O pai, um conhecido empresário cordovês, tinha sido fuzilado pelos vermelhos nos primeiros dias da sublevação militar. Por isso, Luisa Sangrán usava um bonito vestido de crepe preto, meias fumadas e sapatos a condizer. A sua maquilhagem era discreta. Num broche de ouro, sobre o coração, levava o retrato em miniatura do filho de dezanove anos que estava na frente.

– O meu marido também está fora. Viaja continuamente.

– Sinto muito. – Falcó tinha captado a mensagem. – São tempos difíceis.

– Pelo contrário. Não sinta. É bom descansar de um marido de vez em quando.

Riram-se os três e os olhos de Falcó encontraram as íris verdes de Chesca Prieto: um olhar pensativo, fixo e intenso. Ela usava um elegante *tailleur* escuro de riscas cinzentas e azuis que ao estar sentada lhe cingia as ancas, ajustando-se de forma esplêndida ao comprimento das suas pernas, cruzadas naquele momento, com a bainha da saia um palmo abaixo do joelho, exatamente onde devia estar. Salto atrevido e meias pretas. Umas pernas cheias, absolutas e completamente canónicas, decidiu ele após uma olhadela breve e muito discreta. As pernas de uma mulher perfeita.

– Um pouco mais de chá?

– Não, obrigado... É suficiente.

Não tinha havido excesso de apresentações nem explicações supérfluas. Boa tarde, obrigada por aceitar o convite, é um prazer recebê-lo. Chesca diz que o senhor tem notícias interessantes sobre os últimos acontecimentos. Que viaja muito. Tudo se ia desenrolando com naturalidade, visita formal, confiança entre amigas, hora adequada, tarde livre para o serviço, absoluta correção social. Um homem seguro, é claro, embora sem sombra de dúvida um cavalheiro, e duas senhoras, amigas íntimas desde o colégio, com as quais tomar chá e conversar sobre os acontecimentos que dilaceravam Espanha. Era tudo irrepreensível.

– Então andaram juntas no colégio.

– Sim. No Sagrados Corações... Ponto de cruz, disciplina de meninas e mês de Maria.

– Delicioso.

– E o senhor?

– Colégio de religiosos em Jerez. Até que me expulsaram.

– Caramba! – Luisa Sangrán sorria, interessada. – Diz isso com essa fleuma. Expulsaram-no de muitos sítios?

– De alguns.

– De quase todos – sublinhou Chesca.

Riram-se outra vez os três. De vez em quando, Falcó surpreendia um olhar cúmplice entre as duas mulheres em que transparecia uma afinidade singular, tão característica do seu sexo. O teu amigo não é nada de se deitar fora. Compreendo que te arrisques tanto, minha filha. Eu também o faria se estivesse no teu lugar. *Etecétera*. Mas não era verdade, ou não totalmente. Falcó sabia o suficiente de mulheres para notar que Luisa Sangrán dificilmente teria dado para si mesma um passo como aquele. Não era o seu registo. O seu tom. Aquilo era só uma cumplicidade de carácter representativo. Muito feminina, também. Como os folhetins da rádio. Viver emoções alheias e desfrutá-las. Afeto, recordações de infância ou de juventude, solidariedade, velhos códigos forjados em séculos de amarguras domésticas e tristes silêncios. Mulheres associadas com mulheres, reféns tradicionais de guerreiros, sacerdotes e tiranos, a saborear daquele modo a sua vingança íntima. Admiração pela amiga audaz, capaz de chegar onde outras ou a própria não se atreveriam.

Aquilo, e disso Falcó não tinha qualquer dúvida, ia ser matéria de inúmeros segredinhos futuros entre ambas. De longas confidências em voz baixa.

– Então, o senhor é de Jerez?... Dos Falcó de lá?

– Vagamente.

– Conheço um Alfonso Falcó... Diz-lhe alguma coisa?

Uma chupadela lenta ao cigarro. Um olhar distraído às volutas de fumo azulado. Aquele Alfonso era o seu irmão mais velho. Desde a morte do pai que dirigia o negócio familiar – fino *Tío Manolo*, conhaque *Imperador* –, as adegas e o resto. Também cuidava da mãe viúva. Depois do Levantamento tinha recuperado totalmente a propriedade, depois da fuga ou fuzilamento dos sindicalistas que converteram o negócio numa caótica cooperativa de trabalhadores. Lorenzo Falcó e a sua família estavam sem se ver há mais de dez anos. Sem se escrever, sequer. O episódio do filho ou irmão pródigo continha inexactidões. Um certo tipo de ovelhas negras nunca voltava a casa. E também nem sempre Caim entrava

em confronto com Abel. Para ti, os cordeiros e as hortaliças, querido. Que te façam bom proveito. Às vezes, Caim limitava-se a fazer as malas.

– Diz-me assim qualquer coisa ao longe.

– Tem duas irmãs, creio. Lolita e Pitusa. E é casado com uma Gordon.

– É possível.

– E a sério que o senhor não é da família?

– Não. – A cara de inocência de Falcó teria ganhado um concurso. – De todo.

– Está a fingir – disse Chesca.

– Não me digas.

– Sim, digo-te.

Seguiram-se dez minutos de conversa superficial e agradável. Falcó fê-las rir em várias ocasiões, contando anedotas que ia inventando: bisbilhotices sobre moda e cinema, viagens, hotéis, lugares, personagens. Era brilhante nisso. Às vezes, a meio da narração de uma coisa, olhava mais fixamente para Chesca, e esta evitava esse olhar. Outras, sem dirigir a vista para ela, sentia os seus olhos fixos nele. Verde líquido com tons de esmeralda. Óleo vivo de Julio Romero de Torres, pensou uma vez mais. Aquela pele acetinada, morena com o suave tom da avó cigana que talvez, no passado, tenha cruzado o seu destino e o seu sangue com o artista que a pintava nua. A recordação do marido, com as suas botas reluzentes e a sua pistola à cintura, suscitou em Falcó um sorriso interior. Uma expressão travessa e má.

Nesse momento, Luisa Sangrán olhou para o relógio que estava posto no pulso direito com uma pulseirinha de ouro e disse meu Deus, esquecia-me que tenho de ali dar um pulinho a El Salvador, para entregar um dinheiro ao padre. Uma coleta que nós, as senhoras do Santo Roupeiro de Jesus Nazareno, fizemos. Para os órfãos.

\*